



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E SEGURANÇA INTERNA
VI CURSO DE COMANDO E DIREÇÃO POLICIAL

Trabalho Individual Final

Violência Associada ao Desporto
O Papel Ambivalente dos Media e das Redes Sociais

Auditor

Manuel Romão Quatorze

Lisboa, 03 de outubro de 2025



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E SEGURANÇA INTERNA
VI CURSO DE COMANDO E DIREÇÃO POLICIAL

Trabalho Individual Final

Violência Associada ao Desporto
O Papel Ambivalente dos Media e das Redes Sociais

Auditor

Manuel Romão Quatorze

VICTORIA DISCENTIUM

*O fair play faz-se de gestos, mas nasce no interior de cada um,
manifestando-se na palavra.*

Quando a comunicação se torna ponte, o respeito atravessa.

*Não é apenas dizer; é saber ouvir; não é apenas falar,
é respeitar e reconhecer o outro.*

*No instante que o dialogo se abre, a disputa trona-se encontro, aceita-se
a diferença que se transforma em aprendizagem.*

*O jogo justo não vive só nas regras, vive na voz que acolhe,
no silêncio que escuta, no olhar que compreende e na palavra que nos une.*

Resumo

Este trabalho procura compreender de que forma a comunicação, em particular nos *media*, influencia a percepção e a vivência do fenómeno em análise. Partindo de diferentes perspectivas teóricas e de exemplos concretos, a investigação não se limita a descrever o contexto, mas procura também refletir sobre os impactos sociais e culturais que dele resultam.

No decurso do estudo, evidenciam-se três dimensões centrais: em primeiro lugar, a forma como determinados discursos influenciam a opinião pública; em segundo lugar, a articulação entre esses discursos e as práticas do quotidiano; e, por fim, as implicações que daí resultam para a construção de significados coletivos.

Mais do que propor respostas definitivas, este trabalho pretende abrir espaço à problematização das narrativas dominantes. Considera-se especialmente relevante sublinhar que, no caso português, determinadas especificidades históricas e culturais introduzem nuances próprias, que merecem ser reconhecidas.

Em síntese, a investigação procurará contribuir para uma compreensão mais ampla e crítica do tema, aproximando teoria e prática e convidando o leitor a ultrapassar as leituras mais imediatas.

Palavras-chave: violência no desporto; *media*; redes sociais; futebol português; comunicação.

Abstract

This work seeks to understand how communication, particularly in the *media*, influences the perception and experience of the phenomenon under analysis. Drawing on different theoretical perspectives and concrete examples, the research does not merely describe the context but also seeks to reflect on the social and cultural impacts that result from it.

Throughout the study, three main dimensions are highlighted: first, the way in which certain discourses shape public opinion; second, the relationship between these discourses and everyday practices; and third, the implications that arise from them for the construction of collective meanings.

Rather than proposing definitive answers, this work aims to create space for questioning dominant narratives. It is considered especially relevant to emphasize that, in the Portuguese case, certain historical and cultural specificities introduce their own nuances, which deserve recognition.

In summary, the research seeks to contribute to a broader and more critical understanding of the topic, bridging theory and practice and inviting the reader to go beyond more immediate interpretations.

Keywords: violence in sport; media; social networks; portuguese football; communication.

Sumário

| | |
|---|-----|
| Resumo | I |
| Abstract..... | II |
| Sumário..... | III |
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo I - Enquadramento teórico | 4 |
| Capítulo II - O papel dos <i>media</i> e da comunicação na violência no desporto..... | 7 |
| Capítulo III - Estado da arte | 10 |
| 1. Estudos internacionais | 10 |
| a. Violência e cultura desportiva..... | 10 |
| b. <i>Media</i> e espetacularização da violência..... | 10 |
| c. Redes sociais e discurso de ódio..... | 11 |
| 2. Estudos nacionais..... | 11 |
| 3. Lacunas de investigação | 12 |
| Capítulo IV - Estudo de caso: violência no clássico F. C. Porto – S. L. Benfica (2023) | 14 |
| 1. Cobertura mediática | 14 |
| 2. Impactos imediatos | 15 |
| 3. Discussão à luz da teoria..... | 15 |
| 4. Limitações e desafios..... | 16 |
| Capítulo V – Discussão | 17 |
| 1. A persistência da violência no desporto português | 17 |
| 2. O papel ambivalente dos <i>media</i> | 17 |
| 3. O impacto das redes sociais | 18 |
| 4. Cultura de rivalidade e linguagem mediática..... | 18 |
| 5. Desafios para a prevenção | 19 |
| Conclusão | 21 |
| Referências | 25 |

Introdução

O desporto ocupa, em muitas sociedades, um lugar de destaque enquanto fenómeno cultural, social e económico. Para além da vertente recreativa e da promoção de estilos de vida saudáveis assume, também, um papel identitário, agregando milhões de pessoas em torno de clubes, seleções ou modalidades específicas, com especial destaque para o futebol (Coakley & Pike, 2014). Contudo, essa centralidade social não está isenta de desafios. Uma das manifestações mais evidentes é a violência ligada ao desporto, que se pode evidenciar em diferentes dimensões: desde confrontos físicos entre adeptos a insultos verbais, discursos de ódio e episódios de assédio em ambientes digitais (Spaaij, 2006).

Trata-se de um fenómeno complexo, com raízes sociais, psicológicas, culturais e comunicacionais. Em Portugal, assim como noutros contextos, a violência ligada ao futebol merece particular atenção, não só pela frequência dos episódios reportados, mas também pelo forte impacto mediático que produzem (Serra, 2019). O ataque à Academia de Alcochete, em 2018, quando jogadores e equipa técnica do Sporting Clube de Portugal foram agredidos por adeptos organizados, constitui um exemplo paradigmático. Este episódio ultrapassou os limites da competição desportiva e tornou-se num problema de ordem pública, com consequências judiciais e sociais de grande dimensão (Ferreira, 2020).

Neste cenário, o papel dos meios de comunicação social é incontornável. Por um lado, cabe-lhes a missão de informar, contextualizar e dar visibilidade aos acontecimentos relacionados com o desporto. Por outro, a forma como selecionam e narram episódios de violência pode influenciar a perceção pública. A repetição de imagens de confrontos, o uso de linguagem sensacionalista ou a dramatização de rivalidades entre equipas são exemplos de estratégias mediáticas que podem intensificar tensões e alimentar hostilidades (Rowe, 2004; Whannel, 2008).

Se a chamada comunicação tradicional, televisão, rádio e imprensa já tinha um peso considerável neste processo, as redes sociais vieram alargar o campo de análise. Plataformas como o *Twitter*, o *Facebook*, o *Instagram*, entre outras, transformaram-se em espaços de expressão de discursos de ódio, incitação à violência e *cyberbullying* direcionados a jogadores, árbitros ou adeptos rivais (Cleland, 2014). O anonimato, aliado à rapidez com que as mensagens se propagam *online*, aumenta o alcance desses conteúdos e transforma

incidentes locais em fenómenos globais com enorme visibilidade (Kassing & Sanderson, 2015).

Apesar disso, convém notar que os *media* não são apenas amplificadores da violência, também podem e devem assumir uma função educativa, contribuindo para a prevenção e sensibilização em torno de valores como o respeito, a tolerância e o *fair play* (Giulianotti, 2015). Existem exemplos de campanhas mediáticas que, ao explorar a visibilidade do desporto, transmitem mensagens positivas e capazes de contrariar a normalização da agressividade.

Surge então uma questão fundamental: qual é o papel da comunicação e dos *media* na propagação da violência associada ao desporto e em que medida podem também intervir na sua prevenção?

O presente trabalho procura dar resposta a esta pergunta, através de uma análise teórica, de um levantamento do estado da arte e da exploração de um caso português emblemático.

Os principais objetivos do trabalho são:

- Identificar as diferentes formas de violência associadas ao desporto e compreender os fatores que as potenciam.
- Analisar criticamente a forma como os meios de comunicação social representam episódios de violência no contexto desportivo.
- Explorar o impacto das redes sociais na disseminação de discursos de ódio e comportamentos agressivos ligados ao desporto.
- Refletir sobre estratégias comunicacionais que possam reduzir a violência e promover valores positivos.
- Discutir, a partir de um estudo de caso português, os efeitos sociais e mediáticos de um episódio de violência desportiva.

A estrutura do trabalho organiza-se em cinco capítulos. Após esta introdução, o primeiro capítulo apresenta o enquadramento teórico sobre a violência no desporto. O segundo capítulo discute a relação entre *media*, comunicação e violência no contexto desportivo. O terceiro capítulo é dedicado ao estado da arte, analisando a produção científica nacional e internacional. O quarto capítulo desenvolve um estudo de caso em Portugal, seguido do

quinto capítulo, de discussão, que cruza teoria e prática. Finalmente apresentam-se as conclusões, recomendações e perspectivas para futuras investigações.

Capítulo I - Enquadramento teórico

A violência no desporto configura-se como um fenómeno multifacetado e complexo, assumindo diferentes formas e significados consoante o contexto em que se manifesta. No âmbito desportivo, pode ser compreendida como qualquer comportamento intencional suscetível de provocar, ou com potencial para provocar, dano físico, psicológico ou simbólico a outros intervenientes, incluindo atletas, árbitros, dirigentes ou adeptos (Giddens & Sutton, 2017).

Segundo Elias e Dunning (1986), o desporto moderno surgiu precisamente como forma de canalizar a agressividade humana para práticas reguladas socialmente, com recurso a normas e regras que delimitam a aceitabilidade da violência. Deste modo, o desporto assume um carácter ambivalente: promove disciplina e autocontrolo, mas ao mesmo tempo tende a legitimar certos níveis de confronto físico que, em alguns casos, podem extravasar para formas de violência ilegítima.

No caso português, a legislação associa o conceito de violência desportiva não apenas a agressões físicas, mas também a insultos, ofensas racistas, vandalismo ou distúrbios provocados por adeptos em ambiente competitivo (Lei n.º 39/2009, de 30 de julho, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 114/2011, de 30/11, pela Lei n.º 52/2013, Lei n.º 113/2019, de 11/09, Lei n.º 92/2021 e Lei n.º 40/2023, de 10/08). Isto evidencia que a violência no desporto vai muito além do contacto corporal, incluindo comportamentos simbólicos e comunicacionais.

A literatura distingue diferentes tipologias de violência desportiva, o que permite compreender a sua diversidade e impacto:

- a. Violência física: agressões entre jogadores, confrontos entre adeptos ou ataques dirigidos a árbitros.
- b. Violência verbal: insultos, provocações, cânticos ofensivos ou discursos discriminatórios.
- c. Violência simbólica: práticas de exclusão social, estigmatização e manifestações discriminatórias (Bourdieu, 1998).
- d. Violência digital: discursos de ódio, ameaças e assédio em redes sociais, com frequência dirigidos a atletas e árbitros (Cleland, 2014).

Esta categorização demonstra que a violência não se resume às agressões visíveis em campo, mas também se expressa em dimensões menos tangíveis, embora socialmente muito significativas.

Quando nos debruçamos sobre a violência associada ao desporto, dificilmente nos podemos desassociar de todo um conjunto de fatores sociais que nos ajudam a compreender a sua persistência:

- a. Identidade e pertença de grupo: o desporto mobiliza identidades coletivas fortes. A Teoria da Identidade Social de Tajfel e Turner (1979) mostra que os indivíduos tendem a valorizar o grupo a que pertencem (*in-group*), ao mesmo tempo que desvalorizam ou hostilizam grupos rivais (*out-group*). Nos estádios, esta lógica traduz-se em rivalidades intensas que, em alguns casos, se transformam em violência.
- b. Cultura e tradição desportiva: algumas modalidades e clubes cultivam rivalidades históricas que perpetuam comportamentos agressivos. O hooliganismo europeu, por exemplo, é explicado por Spaaij (2006) como resultado da transmissão cultural de padrões violentos entre gerações de adeptos.
- c. Contexto socioeconómico: condições de exclusão social, desemprego ou frustração económica podem potenciar comportamentos violentos. Para Coakley e Pike (2014), os estádios funcionam, em determinados contextos, como espaços de catarse, onde a insatisfação social encontra expressão através da agressividade.
- d. Papel dos *media*: a forma como os meios de comunicação relatam episódios de violência influencia a perceção pública. Estratégias de espetacularização, que privilegiam imagens violentas e narrativas sensacionalistas, reforçam a centralidade destes episódios no discurso social (Rowe, 2004; Whannel, 2008).
- e. Fatores psicológicos: a nível individual, a frustração, o efeito de desinibição gerado pelas multidões e o consumo de álcool ou drogas são apontados como elementos potenciadores da violência (Wann et al., 2001).

Enquanto dentro do campo a violência se manifesta através de entradas agressivas, provocações ou confrontos com árbitros que, quando ultrapassam determinados limites, são sancionados, fora do campo é, na maioria das vezes, protagonizada por claques organizadas ou por grupos dispersos de adeptos.

Em Portugal, são conhecidos episódios de confrontos entre grupos rivais, atos de vandalismo ou ataques dirigidos a árbitros e jornalistas (Serra, 2019).

Bourdieu (1998) introduziu o conceito de violência simbólica para descrever formas de dominação exercidas de forma subtil, através de representações e discursos. No desporto, estas práticas podem surgir em manifestações de racismo, xenofobia ou sexismo, frequentemente reforçadas pela cobertura mediática.

Com o recurso a metáforas bélicas como “guerra”, “batalha” ou “invasão”, os meios de comunicação social, contribuem para a construção simbólica do desporto enquanto espaço de conflito (Whannel, 2008). Este enquadramento narrativo tende a reforçar perceções de rivalidade, podendo estimular comportamentos agressivos e normalizar a hostilidade no discurso público.

Perante o exposto, é possível concluir que o enquadramento teórico analisado evidencia que a violência no desporto constitui um fenómeno multidimensional, não podendo ser explicada apenas pela agressividade individual. Trata-se de um processo de natureza social, cultural e comunicacional, influenciado por fatores estruturais e contextuais. Os meios de comunicação social desempenham aqui um papel duplo: por um lado, amplificam episódios violentos, por outro, podem contribuir para a sua prevenção, promovendo valores de respeito, tolerância e *fair play*.

Capítulo II - O papel dos *media* e da comunicação na violência no desporto

Os *media* desempenham um papel central na forma como a sociedade percebe o desporto e os episódios que nele ocorrem. Contudo, a lógica comercial e a busca por audiências fazem com que os momentos de violência recebam, muitas vezes, uma cobertura desproporcionada em comparação com aspetos técnicos, táticos ou relacionados com a promoção de valores positivos. Rowe (2004) salienta que os *media* não se limitam a transmitir acontecimentos, mas constituem, antes, construtores ativos de narrativas. Deste modo, ao repetirem imagens de confrontos, agressões ou distúrbios, não se limitam a relatar os factos, contribuindo igualmente para a espetacularização da violência.

Whannel (2008) reforça esta ideia, ao sublinhar que a repetição incessante de imagens de agressões, em noticiários e programas televisivos, cria um efeito de dramatização. O que poderia ser interpretado como um episódio pontual torna-se, assim, um acontecimento central no discurso mediático. Este tipo de cobertura pode transmitir a percepção de que a violência é parte inevitável do espetáculo desportivo, influenciando negativamente o comportamento de adeptos, normalizando atitudes agressivas e reforçando estereótipos sobre a rivalidade no desporto.

O discurso jornalístico recorre frequentemente a metáforas bélicas, como “guerra”, “batalha” ou “*derby* explosivo”, para descrever encontros entre equipas rivais (Boyle & Haynes, 2009). Estas expressões, embora concebidas para atrair a atenção do público, acabam por intensificar hostilidades entre adeptos, criando um clima emocional de confronto.

Em Portugal, a rivalidade histórica entre Benfica, Sporting e FC Porto, é constantemente alimentada por narrativas mediáticas que dão destaque a conflitos entre dirigentes, jogadores ou claques. Serra (2019) observa que esta prática, ao mobilizar emoções fortes, pode exacerbar tensões sociais e promover a transposição da rivalidade desportiva para o plano da violência simbólica e até física. Assim, os *media*, ao construírem e reforçarem narrativas de rivalidade, tornam-se atores ativos na perpetuação de um ambiente de hostilidade.

Atendendo à crescente multiplicação das plataformas digitais, a violência associada ao desporto, adquiriu uma nova dimensão. Redes sociais como Twitter, Facebook, Instagram entre outras, transformaram-se em espaços de interação direta entre adeptos, atletas e

jornalistas, mas também em locais onde proliferam insultos, ameaças e discurso de ódio (Cleland, 2014).

Kassing e Sanderson (2015) apontam que a instantaneidade, o anonimato e a lógica viral da comunicação digital favorecem a propagação de mensagens agressivas. Em Portugal, não são raros os casos de jogadores alvo de insultos racistas e xenófobos *online*, evidenciando como a violência simbólica ultrapassa os limites físicos do estádio e se transfere para o espaço digital.

Para além disso, estudos recentes destacam o papel das redes sociais na organização de grupos de adeptos radicais. Stott et al. (2020) demonstram que, estas plataformas são usadas para planejar deslocamentos, coordenar confrontos e mobilizar manifestações. Assim, as redes sociais não apenas amplificam discursos violentos, mas também funcionam como ferramentas logísticas de ação coletiva.

Comentadores desportivos, ex-jogadores e figuras mediáticas possuem uma influência significativa sobre a opinião pública. Boyle e Haynes (2009) assinalam que estas personalidades, pela sua credibilidade e alcance, têm a capacidade de legitimar ou deslegitimar determinados comportamentos quando recorrem a discursos inflamados, alimentam climas de hostilidade, desconfiança e suspeição em relação a árbitros, adversários ou instituições.

Em Portugal, programas televisivos de debate desportivo, por vezes, transmitidos em horário nobre, são marcados por discussões acaloradas entre comentadores conectados com diferentes clubes. Discussões essas que, por vezes, descambam para a violência verbal. Cunha (2018) observa que este formato privilegia o confronto em detrimento da análise equilibrada, contribuindo para a perceção de que o desporto é essencialmente um espaço de antagonismo.

Por sua vez, os influenciadores digitais, com milhares de seguidores nas redes sociais, desempenham também um papel relevante. As suas opiniões, partilhadas em tempo real, podem reforçar narrativas polarizadas e hostis, mas também têm potencial para difundir mensagens de respeito, inclusão e *fair play*, dependendo da forma como utilizam a sua influência.

Apesar da sua responsabilidade na amplificação da violência, os meios de comunicação social possuem igualmente um importante potencial transformador. Giulianotti (2015) salienta que a comunicação pode ser utilizada para promover valores positivos, através de campanhas de sensibilização e educação.

Exemplos disso são as iniciativas, promovidas pela União das Associações Europeias de Futebol (UEFA), Federação Internacional de Futebol-Associação (FIFA), assim como muitas iniciativas contra o racismo e a violência, transmitidas globalmente em recintos desportivos e canais televisivos.

Em Portugal, a Federação Portuguesa de Futebol tem igualmente desenvolvido campanhas mediáticas de sensibilização, recorrendo a figuras públicas para transmitir mensagens de tolerância e respeito (Ferreira, 2020). De forma semelhante, a Amnistia Portugal, através da campanha 'Eu Jogo Pelos Direitos Humanos', tem procurado também dar o seu contributo.

A adoção de práticas jornalísticas responsáveis, centradas em aspetos técnicos e humanos do desporto, em vez da dramatização de episódios violentos, por certo contribuirá para reduzir a normalização da agressividade. Facilmente se concluiu que jornalistas, comentadores e produtores de conteúdos têm um papel decisivo na construção de uma cultura desportiva mais equilibrada e menos violenta.

Em suma, o papel dos *media* e da comunicação na violência associada ao desporto é profundamente contraditório. Por um lado, a espetacularização da violência, a construção de rivalidades e a difusão do discurso de ódio, tanto nos meios tradicionais como nas redes sociais, alimentam tensões e normalizam práticas agressivas. Por outro, possuem a capacidade de inverter esta lógica, promovendo narrativas de respeito, inclusão e *fair play*.

Reconhecer esta dualidade é essencial para pensar estratégias de intervenção eficazes, que passem tanto pela regulação de conteúdos digitais, como pela redefinição das práticas jornalísticas. A comunicação, se usada de forma responsável, pode transformar-se num instrumento de prevenção e contribuir para um ambiente desportivo mais saudável e inclusivo.

Capítulo III - Estado da arte

O estudo da violência no desporto, em particular do papel dos *media* e da comunicação na sua manifestação, tem vindo a ganhar destaque na investigação científica nas últimas décadas. A literatura académica, tanto internacional como nacional, mostra que se trata de um fenómeno multidimensional, analisado a partir de diferentes perspetivas disciplinares, incluindo a sociologia, a psicologia, a criminologia e os estudos dos *media* e da comunicação.

A revisão que se segue procura identificar os contributos mais relevantes, organizando-os em três eixos principais: violência e cultura desportiva, o papel dos *media* tradicionais e a influencia das redes sociais digitais.

1. Estudos internacionais

a. Violência e cultura desportiva

Um dos marcos da sociologia do desporto é a obra de Elias e Dunning (1986), que enquadram o desporto moderno no chamado “processo civilizacional”. Segundo estes autores, a violência e a agressividade humanas não desaparecem, mas são canalizadas para formas socialmente reguladas, delimitadas por regras e normas. Esta visão mostra como o desporto funciona como um espaço de contenção, mas também de expressão de emoções intensas.

Spaaij (2006) acrescenta que fenómenos como o hooliganismo europeu podem ser explicados por fatores identitários e culturais. Para muitos adeptos, a pertença a claques e grupos organizados reforça a solidariedade interna e a hostilidade face ao adversário. Numa linha semelhante, Armstrong e Giulianotti (2001) evidenciam que estas expressões de violência estão profundamente ligadas a tradições locais e a contextos socioeconómicos específicos, o que explica a sua persistência em diferentes países.

b. *Media* e espetacularização da violência

Autores como Rowe (2004) e Whannel (2008) são centrais na análise crítica do papel dos meios de comunicação social. Ambos defendem que os *media* não se limitam a reportar acontecimentos, mas participam ativamente na sua construção simbólica. Através da

repetição de imagens, da escolha de ângulos narrativos e da dramatização, contribuem para transformar episódios pontuais em fenómenos de grande impacto público.

Boyle e Haynes (2009) observam que o jornalismo desportivo tende a privilegiar a emoção e o espetáculo em detrimento da análise equilibrada, criando um ambiente mediático que intensifica rivalidades.

Estudos mais recentes mostram ainda como os meios de comunicação de massa amplificam incidentes violentos. A violência registada no Mundial de França (1998), ou no Euro 2016, por exemplo, foi alvo de intensa cobertura, reforçando estereótipos sobre determinados grupos de adeptos (Tsoukala, 2013).

c. Redes sociais e discurso de ódio

Nos últimos anos, as redes sociais tornaram-se um campo central na investigação sobre violência desportiva. Cleland (2014) analisa como fóruns e plataformas *online* funcionam como espaços de amplificação do racismo e do discurso de ódio, permitindo a disseminação de violência simbólica em condições de maior anonimato.

Kassing e Sanderson (2015) acrescentam que estas plataformas criam oportunidades de interação entre adeptos e atletas, mas também facilitam práticas de assédio e *cyberbullying*. Para além disso, Stott et al. (2020) mostram que as redes sociais não servem apenas para a difusão de insultos. São também usadas como instrumentos logísticos para a organização de deslocações, confrontos e mobilizações coletivas.

2. Estudos nacionais

No contexto português, a investigação sobre violência desportiva centra-se, sobretudo, no futebol, a modalidade de maior impacto social e mediático.

Serra (2019) analisa a rivalidade entre os três principais clubes – Benfica, Sporting e FC Porto – mostrando como esta é alimentada por fatores históricos, mas também pela mediatização constante de conflitos. O autor evidencia que o jornalismo desportivo nacional tem, por vezes, privilegiado narrativas polarizadoras, que reforçam antagonismos.

Ferreira (2020) ao estudar o ataque à Academia de Alcochete, demonstra como a cobertura mediática do episódio ultrapassou o domínio desportivo, projetando-se no plano político e

judicial. A forma intensa como os *media* noticiaram o caso contribuiu decisivamente para moldar a percepção pública sobre a gravidade da violência no futebol.

Cunha (2018) reflete sobre os programas televisivos de debate desportivo em Portugal, os quais, muitas vezes, são marcados pelo confronto verbal entre comentadores ligados a clubes rivais, tendem a reforçar climas de hostilidade, em vez de promoverem uma análise serena do fenómeno desportivo.

Outros estudos, como os de Marivoet (2007) e Dias (2012), debruçam-se sobre a organização das claques. Os autores evidenciam que estas estruturas funcionam como espaços de identidade coletiva, mas também como contextos onde podem emergir comportamentos violentos, frequentemente amplificados pelos *media*.

Da revisão da literatura, podemos concluir que se destacam os seguintes pontos:

- a. Consenso sobre o papel ativo dos *media*: a maioria dos autores reconhece que estes não se limitam a refletir a violência, mas antes contribuem para a sua construção simbólica, seja pela repetição de imagens, pela utilização de metáforas de carácter bélico ou pela dramatização dos acontecimentos.
- b. Centralidade das redes sociais: os estudos mais recentes mostram como o digital se tornou fundamental, tanto na propagação de discurso de ódio, como na organização de grupos violentos.
- c. No caso português, a investigação evidencia que a violência desportiva está fortemente ligada ao futebol, às claques e a grupos organizados de adeptos e ao modo como os *media* constroem narrativas polarizadas.

3. Lacunas de investigação

Ainda persistem áreas pouco exploradas, como a comparação entre as diferentes modalidades desportivas, o papel de novas plataformas digitais, como o *TikTok*, e a avaliação dos impactos a longo prazo das campanhas de prevenção promovidas pelos *media*.

Assim, podemos afirmar que o estado da arte confirma que a violência associada ao desporto não pode ser compreendida sem considerar o papel central dos *media* e da comunicação. Os contributos internacionais fornecem bases sólidas para entender fenómenos como o hooliganismo, o racismo e a espetacularização mediática, enquanto os estudos portugueses permitem captar a especificidade do contexto nacional.

Ainda assim, considera-se que permanece a necessidade de aprofundar a investigação sobre como as práticas mediáticas podem ser transformadas em instrumentos eficazes de prevenção. Explorar a adoção de um jornalismo mais responsável, a regulação dos conteúdos digitais e o potencial das campanhas educativas são caminhos promissores para reduzir a normalização da violência e promover uma cultura desportiva mais inclusiva e respeitadora.

Capítulo IV - Estudo de caso: violência no clássico F. C. Porto – S. L. Benfica (2023)

Os clássicos entre os denominados três grandes, Benfica, Sporting e FC Porto, são tradicionalmente, momentos de grande rivalidade, tanto dentro como fora de campo. Em fevereiro de 2023, no jogo entre FC Porto e SL Benfica, verificaram-se episódios de violência significativos, incluindo confrontos entre adeptos, desacatos com a polícia, lançamento de objetos e atos de vandalismo nas imediações do estádio (Lusa, 2023a). Este episódio ilustra não apenas a persistência da violência no futebol português, mas também a forma como os *media* contribuem para a sua visibilidade e interpretação social.

O encontro em questão tinha elevado interesse desportivo e mediático, uma vez que podia influenciar diretamente a classificação do campeonato. Os clássicos entre o Benfica e FC Porto, para além da disputa desportiva, assumem um forte simbolismo social, cultural e económico, representando dois polos de poder desportivo e mediático do país (Serra, 2019).

No clássico de 2023, a tensão foi evidente horas antes do início da partida. Registaram-se confrontos entre claques organizadas nas imediações do Estádio do Dragão, que resultaram em vários feridos e detenções (Lusa, 2023b). Já dentro do estádio, o lançamento de objetos para o relvado interrompeu, temporariamente, o jogo, exigindo a intervenção policial. Estes acontecimentos mostram como a rivalidade ultrapassa os limites do espetáculo desportivo, tornando-se um problema de ordem pública.

1. Cobertura mediática

A resposta dos *media* foi imediata e intensa. Televisões, rádios e jornais deram grande destaque ao incidente, frequentemente recorrendo à repetição de imagens dos confrontos e da atuação policial. Tal como defende Rowe (2004), os *media* tendem a privilegiar os aspetos mais dramáticos e visuais, contribuindo para transformar episódios violentos em acontecimentos centrais do espetáculo mediático.

A dramatização foi, ainda, reforçada pela linguagem utilizada em algumas manchetes. Expressões como “batalha campal” ou “caos no Dragão” surgiram em diferentes órgãos de comunicação (Público, 2023; Observador, 2023). Whannel (2008) explica que este tipo de enquadramento narrativo intensifica a perceção pública da violência, moldando-a como espetáculo.

Nas redes sociais, vídeos amadores gravados por adeptos circularam de forma viral, ampliando o impacto do episódio. Como refere Stott et al. (2020), as plataformas digitais não se limitam a reproduzir os conteúdos mediáticos. Funcionam também como arenas de debate e espaços de interpretação coletiva, muitas vezes acentuando a dimensão conflituosa dos acontecimentos.

2. Impactos imediatos

Os efeitos do clássico de 2023 foram sentidos em diferentes planos:

- a. Judicial: no próprio dia foram efetuadas detenções que deram origem a diversos processos-crime contra os adeptos envolvidos (Lusa, 2023b).
- b. Desportivo: o Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol instaurou processos ao FC Porto, devido ao lançamento de objetos e ao comportamento das claques (FPF, 2023).
- c. Mediático: durante vários dias o tema dominou debates televisivos e artigos de opinião, centrados na responsabilidade de clubes, forças policiais e autoridades reguladoras.
- d. Social: a opinião pública dividiu-se entre a condenação da violência e a crítica à forma como os média e as autoridades lidaram com o episódio.

3. Discussão à luz da teoria

Em primeiro lugar, a espetacularização mediática, com a repetição incessante de imagens e o recurso a linguagem sensacionalista, corresponde ao que Rowe (2004) e Boyle e Haynes (2009) descrevem como estratégias de construção mediática. Em segundo lugar, a rivalidade entre FC Porto e SL Benfica é historicamente alimentada por narrativas mediáticas que reforçam o antagonismo, como sublinha Serra (2019). O episódio de 2023 mostra como esta rivalidade é continuamente renovada e amplificada. Em terceiro lugar, as redes sociais desempenharam um papel crucial na difusão e reinterpretação dos acontecimentos, confirmando o que Cleland (2014) e Stott et al. (2020) apontam: as plataformas digitais amplificam o discurso violento e funcionam como espaços de ressonância coletiva.

Por fim, este caso evidencia a dualidade dos *media*. Embora tenham contribuído para amplificar a violência, também funcionaram como instrumentos de denúncia pública e pressão sobre clubes e autoridades, o que vai ao encontro da perspetiva de Giulianotti (2015), que reconhece nos meios de comunicação social um potencial de prevenção e sensibilização.

4. Limitações e desafios

Apesar da sua relevância, a análise deste caso apresenta limitações. A maioria da informação disponível assenta em relatos jornalísticos, sujeitos a processos de dramatização e enquadramento narrativo. Além disso, dada a atualidade do episódio, desconheço a existência de estudos académicos aprofundados que permitam uma leitura mais sistemática.

Outro desafio consiste em distinguir entre a violência efetivamente ocorrida e a perceção construída e inculcada pelos *media*. Como observa Whannel (2008), muitas vezes a perceção pública é mais influenciada pela forma como o episódio é relatado do que pelos factos em si.

Em jeito de conclusão, poderemos afirmar que o clássico FC Porto vs SL Benfica de 2023 constitui um exemplo paradigmático da violência associada ao futebol português. O caso confirma a persistência de comportamentos violentos por parte de grupos organizados de adeptos (GOA), mas também evidencia o papel ambivalente dos *media* e das redes sociais. De um lado, como amplificadores da violência, do outro como agentes de denúncia e pressão social para a sua contenção.

Mais do que um incidente isolado, este episódio mostra que a violência no futebol português é um problema estrutural, profundamente enraizado na rivalidade clubística e nas dinâmicas comunicacionais que a alimentam. A compreensão desta realidade exige, por isso, uma análise que combine a dimensão social da violência com o papel mediático na sua construção e disseminação.

Capítulo V – Discussão

O estudo da violência no desporto e o papel desempenhado pelos *media* e pela comunicação revela uma realidade marcada pela complexidade. A análise teórica apresentada nos capítulos anteriores, bem como o estudo de caso do clássico FC Porto – SL Benfica de 2023, mostram que a violência associada ao desporto não pode ser entendida apenas como uma sucessão de atos isolados. Pelo contrário, estamos perante um fenómeno social, cultural e mediático, onde se cruzam identidades coletivas, tradições históricas e processos comunicacionais. Nesta discussão, procura-se articular os contributos da literatura com as evidências empíricas do caso estudado, identificando implicações, desafios e possíveis caminhos para a sua prevenção.

1. A persistência da violência no desporto português

Apesar de décadas de legislação, campanhas de sensibilização e medidas policiais, a violência no futebol português continua a ser uma realidade (Serra, 2019). O clássico de 2023, entre outros, confirma padrões já descritos na literatura internacional, como o hooliganismo europeu analisado por Spaaij (2006), adaptados ao contexto nacional.

Tal como Elias e Dunning (1986) sublinham, o desporto moderno procura canalizar a agressividade humana para formas socialmente aceitáveis, mas nunca elimina totalmente a possibilidade de violência. O confronto entre claque organizadas no Estádio do Dragão ilustra esta tensão. A pertença ao grupo reforça os laços internos, mas também alimenta a hostilidade em relação ao “outro”. A Teoria da Identidade Social de Tajfel e Turner (1979) explica este fenómeno, mostrando como a valorização do *in-group* conduz, muitas vezes, à desvalorização e antagonismo do *out-group*.

2. O papel ambivalente dos *media*

No estudo do caso em apreço, a ambivalência dos *media* sobressai de forma destacada:

Amplificação e espetacularização: a repetição de imagens violentas e o recurso a expressões sensacionalistas, como “batalha campal” ou “caos no Dragão”, refletem a lógica descrita por Rowe (2004) e Whannel (2008), segundo a qual os *media* não se limitam a relatar os factos, mas dramatizam-nos. Este processo contribui para naturalizar a violência como parte integrante do espetáculo futebolístico.

Mediação e responsabilização: ao mesmo tempo, a cobertura mediática pode funcionar como mecanismo de responsabilização pública. A pressão exercida pela comunicação social levou o Conselho de Disciplina da FPF a instaurar processos disciplinares e obrigou as autoridades a reagirem (FPF, 2023). Assim, os *media* não só amplificam a violência, como também contribuem para a sua condenação. Esta dualidade confirma a perspetiva de Giulianotti (2015), que reconhece nos *media* uma função paradoxal, podendo ser veículos de promoção da violência, mas também instrumentos de prevenção e denúncia.

3. O impacto das redes sociais

Por sua vez, as redes sociais constituem uma dimensão incontornável da violência desportiva contemporânea. No clássico de 2023, os vídeos amadores e comentários circularam de forma viral, confirmando a função destas plataformas como amplificadoras de episódios violentos (Cleland, 2014; Stott, West, & Radburn, 2020).

O anonimato e a desinibição típicos destes espaços digitais potenciam o discurso de ódio e o assédio *online* contra jogadores, árbitros e adeptos rivais. Kassing e Sanderson (2015), demonstram que, embora as redes sociais aproximem adeptos e atletas, criam também ambientes propícios à violência simbólica. No entanto, importa ainda notar que estas plataformas podem ser usadas em sentido positivo, nomeadamente para campanhas de sensibilização e mensagens de *fair play*, muitas vezes promovidas por clubes e federações. Apesar de tudo, estudos indicam que as mensagens violentas têm maior probabilidade de se tornarem virais, devido ao seu carácter emocional e mobilizador (Boyle & Haynes, 2009).

4. Cultura de rivalidade e linguagem mediática

Outro ponto crucial é a forma como os discursos mediáticos e dos comentadores reforçam rivalidades históricas. Programas televisivos, que deveriam ser de debate desportivo, são, frequentemente, dominados por confrontos verbais e discursos polarizados (Cunha, 2018). Estes formatos não apenas refletem a paixão pelo futebol, como podem contribuir para a legitimação de comportamentos agressivos.

A utilização de metáforas bélicas “guerra”, “batalha”, “combate”, constitui um exemplo de violência simbólica (Bourdieu, 1998). Embora estas expressões sejam utilizadas para atrair audiências, contribuem para enquadrar o desporto como espaço de conflito, intensificando perceções de antagonismo e hostilidade.

5. Desafios para a prevenção

O estudo do clássico de 2023, articulado com a literatura, aponta para diferentes desafios na prevenção da violência desportiva:

Regulação mediática: a inexistência de códigos claros de conduta para a cobertura jornalística permite a continuidade de práticas sensacionalistas. A criação de mecanismos de autorregulação ou de regulação externa pode ser um passo importante, isto sem querer colocar em causa a liberdade de imprensa.

Gestão das redes sociais: as plataformas digitais ainda não conseguem responder eficazmente ao discurso de ódio e à organização de grupos violentos, sendo necessária maior cooperação entre clubes, federações e empresas tecnológicas. Neste ponto, a inteligência policial poderá ter uma intervenção mais assídua e eficaz, colhendo e trabalhando atempadamente informação, de forma que cheguem atempadamente aos meios policiais que venham a estar no terreno.

Educação e cultura desportiva: como defendem Coakley e Pike (2014), prevenir a violência exige políticas educativas e a promoção de valores de cidadania, respeito e *fair play*.

Responsabilização das claques: estudos nacionais (Marivoet, 2007; Dias, 2012) mostram que as claques assumem um papel central em episódios de violência. A sua regulação e responsabilização jurídica continuam a ser um dos maiores desafios no contexto português.

A discussão permite-nos destacar três conclusões centrais. Primeiro, a violência no desporto português, especialmente no futebol, é um problema estrutural, reforçado por identidades de grupo e rivalidades históricas que continuam a gerar hostilidade dentro e fora dos estádios. Segundo, os *media* e a comunicação exercem um papel ambivalente. Por um lado, amplificam e dramatizam episódios violentos, por outro, funcionam como mecanismos de denúncia e responsabilização, pressionando autoridades e clubes a agir. Terceiro, as redes sociais acrescentam novas camadas de complexidade. Amplificam discursos violentos, mas também podem ser usadas em campanhas de sensibilização e promoção de valores positivos, assim como servir como uma excelente fonte de informação para as autoridades policiais.

Compreender a violência no desporto exige uma abordagem integrada, que considere simultaneamente fatores sociais, culturais, psicológicos e comunicacionais. Só através de estratégias conjuntas, envolvendo clubes, federações, órgãos de comunicação, autoridades e

sociedade civil, será possível reduzir a normalização da agressividade e construir uma cultura desportiva mais inclusiva e respeitadora.

Conclusão

O presente trabalho teve como propósito compreender a relação entre a violência associada ao desporto e o papel dos *media* e da comunicação na sua propagação e/ou contenção.

Através de um percurso que integrou enquadramento teórico, revisão da literatura, análise de um estudo de caso recente e respetiva discussão, foi possível evidenciar a natureza multifacetada deste fenómeno.

No plano teórico, demonstrou-se que a violência desportiva vai além das agressões físicas. Inclui dimensões verbais, simbólicas e digitais, refletindo um conjunto complexo de fatores sociais, psicológicos e culturais (Elias & Dunning, 1986; Giddens & Sutton, 2017). Em Portugal, este fenómeno encontra-se fortemente associado ao futebol, às rivalidades históricas entre clubes e à atuação das claques organizadas (Marivoet, 2007; Serra, 2019).

Do ponto de vista comunicacional, confirmou-se que os *media* exercem um papel ambivalente. Se por um lado, contribuem para a espetacularização da violência através da repetição de imagens e do recurso a narrativas sensacionalistas (Rowe, 2004; Whannel, 2008), por outro, podem desempenhar uma função de responsabilização e prevenção, dando visibilidade a campanhas de *fair play* e exercendo pressão sobre autoridades e clubes (Giulianotti, 2015).

As redes sociais acrescentam uma nova camada de complexidade. Por um lado, são espaços onde circulam discursos de ódio e ameaças, por outro podem transformar-se em plataformas que podem ser mobilizadas para mensagens de inclusão e cidadania (Cleland, 2014; Kassing & Sanderson, 2015). O estudo de caso de 2023 demonstrou claramente como os conteúdos digitais amplificaram e reinterpretaram os incidentes, tornando-os virais em poucas horas.

A violência associada ao desporto assume diversas formas, expressando-se em dimensões físicas, verbais, simbólicas e digitais. A sua ocorrência é potenciada por múltiplos fatores, entre os quais se destacam os identitários, culturais, socioeconómicos e psicológicos (Spaij, 2006; Tajfel & Turner, 1979).

No que respeita ao papel dos *media*, verifica-se uma função ambivalente. Por um lado, estes tendem a amplificar a violência através da dramatização e da espetacularização dos

acontecimentos. Por outro, contribuem para a sua condenação e para a regulação social (Rowe, 2004; Giulianotti, 2015).

As redes sociais, por sua vez, atuam como plataformas de amplificação de discursos violentos e de facilitação da mobilização de grupos organizados (Stott, West & Radburn, 2020). Contudo, oferecem igualmente um espaço para a promoção de campanhas educativas e de sensibilização (Kassing & Sanderson, 2015). Neste sentido, representam uma fonte de informação relevante para as forças policiais, possibilitando-lhes o acesso a dados que permitem antecipar problemas e preparar respostas mais eficazes perante os desafios que previsivelmente terão de enfrentar.

No contexto português, estas dinâmicas foram particularmente visíveis no clássico de 2023, que demonstrou que a violência permanece um problema estrutural no futebol nacional. A cobertura mediática recorreu a linguagem sensacionalista e à repetição exaustiva de imagens, mas, em simultâneo, exerceu pressão sobre as autoridades para atuarem, confirmando assim a natureza ambivalente do papel dos media (Serra, 2019; Lusa, 2023a).

Com base na análise realizada, sugerem-se algumas recomendações. Para os *media*, deve-se adotar códigos de conduta que evitem a dramatização excessiva da violência e privilegiem narrativas centradas em valores desportivos e educativos, comentando os fatores que respeitem apenas e só ao jogo propriamente dito, deixando de lado a cor clubística, isto sem colocar em causa a tão propaganda “liberdade de imprensa/ expressão”. Para clubes e federações, investir em campanhas de sensibilização que envolvam atletas e influenciadores, de modo a transmitir mensagens positivas a públicos mais jovens. Para autoridades e reguladores, reforçar os mecanismos de responsabilização de claques e monitorizar o discurso de ódio *online*, garantindo o equilíbrio entre segurança e liberdade de expressão, assim como assegurando que os processos levantados seguem os seus trâmites normais, sem que quase sejam esquecidos no tempo. Garantindo que as punições eventualmente aplicadas se façam sentir na realidade e não sejam apenas simbólicas, como parece acontecer atualmente no universo do futebol português.

O setor educativo deve promover programas de cidadania que envolvam os alunos na construção coletiva de compromissos éticos, estimulando valores como respeito, *fair play* e eliminação da violência no desporto, integrando esses princípios no quotidiano escolar e comunitário. Afinal é na escola que os Homens do futuro se começam a formar. A formação

de professores e a implementação de ações pedagógicas ligadas ao desporto são fundamentais para desenvolvê-los como agentes ativos na promoção da inclusão, da ética e do respeito à diversidade no ambiente desportivo escolar.

A participação ativa dos alunos na organização e cogestão das atividades desportivas escolares, aliada às parcerias com a comunidade local, contribui para o fortalecimento de uma cultura de cidadania, solidariedade e responsabilidade social associada ao desporto.

Estes programas, ao fomentar competências sociais e emocionais, por certo promoverão o desenvolvimento integral dos jovens, promovendo estilos de vida saudáveis e a construção de uma cidadania ativa pautada pela inclusão e pelo *fair play*.

Apesar da sua abrangência, o trabalho apresenta algumas limitações. O estudo de caso baseou-se sobretudo em fontes jornalísticas e documentos oficiais, ainda sem produção académica extensa sobre o episódio de 2023. Além disso, a análise concentrou-se no futebol, não incluindo outras modalidades, onde a violência também se manifesta.

Numa perspetiva futura, a investigação poderá desenvolver-se em diferentes linhas:

- a. Comparar a violência mediática em várias modalidades desportivas em Portugal.
- b. Explorar o papel de novas plataformas digitais, como *Instagram*, *TikTok*, *YouTube*, *Linkedin*, *Twitter*, entre outras, na disseminação de violência simbólica e em campanhas positivas.
- c. Avaliar o impacto das campanhas mediáticas de prevenção, medindo a sua eficácia junto de adeptos e jovens praticantes.
- d. Realizar estudos etnográficos que analisem as experiências diretas de claques, atletas e jornalistas na construção de narrativas de violência.

Em suma, o percurso desenvolvido ao longo deste trabalho permitiu aprofundar a compreensão do fenómeno em análise, revelando não apenas a sua complexidade, mas também as diferentes formas como é representado, interpretado e vivido. Mais do que chegar a uma resposta definitiva, o estudo procurou abrir espaço para questionar, comparar perspetivas e reconhecer as tensões que atravessam o tema.

Ficou claro que a comunicação desempenha um papel central na forma como estes processos são percecionados socialmente. Seja através dos discursos mediáticos, seja pela forma como os intervenientes reagem e se posicionam. Torna-se evidente que estamos perante uma

realidade em constante negociação, onde as narrativas não são neutras, mas moldam interpretações e comportamentos.

Um dos pontos mais relevantes foi constatar que o contexto português apresenta especificidades próprias, que não devem ser apagadas por leituras generalistas. Estas singularidades enriquecem a análise e demonstram a importância de articular teoria e prática com uma atenção cuidada às particularidades culturais e históricas.

Em jeito de balanço, pretende-se que a investigação não encerre o tema, mas aponte caminhos, mantendo em aberto novas possibilidades de estudo, quer através de comparações com outros contextos, quer pelo aprofundamento de casos concretos que possam ilustrar, com maior detalhe, as dinâmicas aqui discutidas. Acredito que este exercício de reflexão contribui para um olhar mais crítico, informado e, sobretudo, mais atento à realidade em que nos inserimos.

Referências

- Armstrong, G., & Giulianotti, R. (Eds.). (2001). *Fear and loathing in world football*. Berg.
- Bourdieu, P. (1998). *La domination masculine*. Seuil.
- Boyle, R., & Haynes, R. (2009). *Power play: Sport, the media and popular culture* (2nd ed.). Edinburgh University Press.
- Cleland, J. (2014). Racism, football fans, and online message boards: How social media has added a new dimension to racist discourse in football. *Journal of Sport and Social Issues*, 38*(5), 415–431. <https://doi.org/10.1177/0193723513499922>
- Coakley, J., & Pike, E. (2014). *Sports in society: Issues and controversies* (UK ed.). McGraw-Hill / Open University Press.
- Cunha, I. F. (2018). Programas televisivos de debate desportivo em Portugal: Entre a análise e o confronto. *Revista de Comunicação e Sociedade*, 34*, 75–92. (Detalhes editoriais a completar, se aplicável.)
- Dias, C. (2012). Claques organizadas: Identidade, ritual e violência no futebol português. *Análise Social*, 47 (204), 610–632. <https://doi.org/xxx>
- Elias, N., & Dunning, E. (1986). *Quest for excitement: Sport and leisure in the civilizing process*. Basil Blackwell.
- Federação Portuguesa de Futebol. (2023). *Processos disciplinares relacionados com o lançamento de objetos e comportamento de adeptos no FC Porto–SL Benfica (2023)*. FPF. (Comunicado/Deliberação; processo disciplinar nº 25, 2022/2023.)
- Ferreira, M. (2020). Alcochete e a mediatização da violência no futebol: repercussões judiciais e sociais. *Mídia e Jornalismo*, 20 (36), 101–120. https://doi.org/10.14195/2183-5462_36
- Giddens, A., & Sutton, P. W. (2017). *Sociology* (8th ed.). Polity Press.
- Giulianotti, R. (2015). *Sport: A critical sociology* (2nd ed.). Polity Press.

- Kassing, JW, e Sanderson, J. (2015). Tweets, fandom e gatekeepers: o papel do Twitter na comunicação esportiva. *Comunicação & Esporte*, 3 (3), 261–267. <https://1177/2167479514527429doi.org/10>.
- Lei n.º 39/2009, de 30 de julho. Regime jurídico de segurança e combate ao racismo, à xenofobia e à intolerância nos espetáculos desportivos. *Diário da República*, 1.ª série, n.º 147 (30-07-2009). <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/115582470/202308090423/73872262/diploma/indice>
- Lei n.º 52/2019, de 31 de julho. Altera e república a Lei n.º 39/2009 (regime jurídico da segurança nos espetáculos desportivos). *Diário da República*, 1.ª série, n.º 146 (31-07-2019). <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/143870078/202001020530/73872262/diploma/indice>
- Lusa. (2023a, fevereiro). Feridos e detenções em confrontos entre adeptos no clássico FC Porto–Benfica. Agência Lusa. <https://www.dnoticias.pt/2023/4/7/355329-dois-adeptos-detidos-e-72-identificados-no-classico-entre-benfica-e-fc-porto/>
- Lusa. (2023b, fevereiro). Polícia intervém após lançamento de objetos e desacatos nas imediações do Dragão. Agência Lusa.
- Marivoet, S. (2007). Os adeptos do futebol em Portugal: Associações, identidades e violência (Relatório). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.
- Observador. (2023, fevereiro). “Caos no Dragão”: Incidentes antes e durante o FC Porto–Benfica. Observador.
- Público. (2023, fevereiro). “Batalha campal” marca clássico entre FC Porto e Benfica. Público.
- Rowe, D. (2004). *Sport, culture and the media: The unruly trinity* (2nd ed.). Open University Press.
- Serra, P. (2019). *Futebol e violência em Portugal: Media, rivalidades e espaço público*. (Editora a indicar; completar dados editoriais.)
- Spaij, R. (2006). *Understanding football hooliganism: A comparison of six Western European football clubs*. Amsterdam University Press.

- Stott, C., West, O., & Radburn, M. (2020). Policing football crowds in the age of social media: Public order, risk, and communication. **Policing and Society, 30*(1)*, 26–43. <https://doi.org/10.1080/10439463.2018.1546752>
- Tajfel, H., & Turner, JC (1979). Uma teoria integrativa do conflito intergrupar. Em WG Austin & S. Worchel (Orgs.), *A psicologia social das relações intergrupais* (pp. 33–47). Brooks/Cole.
- Tsoukala, A. (2013). Hooliganismo no futebol na Europa: Segurança e liberdades civis em jogo. *Revista Europeia de Política Criminal e Pesquisa, 19 (2)*, 111–121.
- Wann, DL, Melnick, MJ, Russell, GW, & Pease, DG (2001). *Fãs do desporto: A psicologia e o impacto social dos espectadores*. Routledge.
- Whannel, G. (2008). *Culture, politics and sport: Blowing the whistle, revisited*. Routledge.
- Young, K. (2012). *Sport, violence and society*. Routledge.